





DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8668348>

Artigo Original

O androcentrismo do torcer: Do Universo do Futebol ao estádio contemporâneo

*The androcentrism of cheering
From the Soccer Universe to the contemporary stadium*

*El androcentrismo del hinchar
Del Universo del Fútbol al estadio contemporáneo*

Gustavo Andrada Bandeira¹ 
Fernando Seffner¹ 

RESUMO

Objetivos: problematizamos como os sujeitos torcedores dialogam com o quadro normativo que naturaliza o ambiente dos estádios de futebol como masculino e heteronormativo, a partir de como esses mesmos sujeitos identificam suas alteridades. **Metodologia:** realizamos diálogos com grupos de torcedores nos quais discutíamos a mudança de um antigo estádio para uma nova arena e a possível presença de violência verbal durante as partidas. **Resultados e discussão:** os torcedores acabavam naturalizando o gosto pelo esporte para justificar uma maior presença masculina nos estádios; outros pareciam um tanto mais sensibilizados com pautas feministas e condenavam suas próprias atitudes; à participação das mulheres é atribuída uma diferença natural; a maior presença das mulheres acaba sendo associada de forma direta a diminuição do machismo no futebol; homens não heterossexuais também são incluídos como a alteridade do "homem" torcedor; outra alteridade foi nomeada como família; incentivando a equipe, colaborando com o clube e performando "adequadamente", os torcedores homossexuais estariam autorizados a torcer com os demais. **Considerações Finais:** Podemos visualizar a existência de um quadro normativo que destaca a relação entre futebol e masculinidade no Brasil. Ele já aparecia com destaque quando do lançamento do *Universo do futebol*, em 1982, e parece ainda atual. Se o androcentrismo era dado como natural no *Universo do futebol* aqui ele é um elemento no centro das lutas por significados em um contexto social mais amplo e, também, em tudo o que envolva a prática e a apreciação do futebol.

Palavras-chave: Futebol. Machismo. Masculinidade.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração, Grupo de Estudos em Relações de Gênero e Educação (Geerge), Porto Alegre - RS, Brasil.

Correspondência:

Gustavo Andrada Bandeira. Secretaria Acadêmica da Escola de Administração/UFRGS, Rua Washington Luiz, 855, 2. andar, Centro Histórico, Porto Alegre - RS, CEP 90010-460. Email: gustavoabandeira@yahoo.com.br



ABSTRACT

Objectives: we problematize how the supporters dialogue with the normative framework that naturalizes the environment of football stadiums as masculine and heteronormative, based on how these same subjects identify their alterities. **Methodology:** we held dialogues with groups of fans in which we discussed the move from an old stadium to a new arena and the possible presence of verbal violence during matches. **Results and discussion:** fans ended up naturalizing the taste for the sport to justify a greater male presence in stadiums; others seemed somewhat more sensitized to feminist agendas and condemned their own attitudes; the participation of women is attributed a natural difference; the greater presence of women ends up being directly associated with the reduction of machism in soccer; non-heterosexual men are also included as the otherness of the male fan; another otherness was named as family; by encouraging the team, collaborating with the club and performing “properly”, homosexual fans would be allowed to cheer with the others. **Final Considerations:** We can visualize the existence of a normative framework that highlights the relationship between football and masculinity in Brazil. It already appeared prominently when the *Universe of Soccer* was released in 1982, and it still seems current. If androcentrism was taken for granted in the *Universe of Soccer*, here it is an element at the center of struggles for meaning in a broader social context and also in everything that involves the practice and appreciation of Soccer.

Keywords: Soccer. Male Chauvinism. Masculinity.

RESUMEN

Objetivos: problematizamos cómo los hinchas dialogan con el marco normativo que naturaliza el ambiente de los estadios de fútbol como masculino y heteronormativo, a partir de cómo estos mismos sujetos identifican sus alteridades. **Metodología:** mantuvimos diálogos con grupos de hinchas en los que discutimos el traslado de un antiguo estadio a una nueva arena y la posible presencia de violencia verbal durante los partidos. **Resultados y discusión:** los hinchas acabaron naturalizando el gusto por el deporte para justificar una mayor presencia masculina en los estadios; otros parecían algo más sensibilizadas con las agendas feministas y condenaban sus propias actitudes; a la participación de la mujer se le atribuye una diferencia natural; la mayor presencia de mujeres termina directamente asociada con la reducción del machismo en el fútbol; los hombres no heterosexuales también se incluyen como la alteridad del “hombre” hincha; otra alteridad fue nombrada como familia; animando al equipo, colaborando con el club y actuando “adecuadamente”, los hinchas homosexuales podrían animar con los demás. **Consideraciones finales:** Podemos visualizar la existencia de un marco normativo que destaca la relación entre fútbol y masculinidad en Brasil. Ya apareció de forma destacada cuando se lanzó el *Universo del Fútbol* en 1982, y sigue pareciendo actual. Si el androcentrismo se daba como definitivo en el *Universo del Fútbol*, aquí es un elemento en el centro de las luchas por el sentido en un contexto social más amplio y también en todo lo que implica la práctica y apreciación del fútbol.

Palabras Clave: Fútbol. Machismo. Masculinidad.

A NORMA MASCULINA NA PRODUÇÃO PEDAGÓGICA DOS TORCEDORES DE FUTEBOL

Em 2022, o icônico livro *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (UF) que reuniu textos de Roberto DaMatta, Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel completa quarenta anos. Assim como Charles Miller não introduziu o futebol no Brasil sozinho, UF não chega a ser o pioneiro em movimentos que articulavam esse esporte com nosso campo acadêmico, mas a coletânea pode, sim, ser “tida como o marco inaugural do que viria a ser este espaço de produções no Brasil” (DAMO, 2017, p. 10). Para Alexandre Vaz (2020, p. 203) “Roberto DaMatta [...] se não foi o primeiro cientista social a se ocupar do futebol no Brasil, certamente representou o impulso mais importante para que esse tema se transformasse em objeto a ser pesquisado pelas humanidades”.

Tal qual essas linhas escritas neste momento, todo o texto é datado. Neste intervalo de quarenta anos o campo, que nos autorizamos a chamar de estudos sobre futebol (melhor alargado para esportes) sob as lentes das ciências humanas e sociais, caminhou bastante e hoje é um campo consolidado. Arlei Damo (2017) destaca que as interpretações, mais do que da coletânea – damattianas –, não apresentam respostas adequadas para as questões do presente por três motivos principais: a) a grande quantidade de trabalhos empíricos e sua diversidade de interesses e perspectivas relacionada com a expansão das Ciências Sociais no Brasil nas últimas décadas; b) a renovação teórico-conceitual da própria Antropologia que acaba colocando em questão algumas das ferramentas analíticas, dentre outras identidade e representação, caras à interpretação damattiana; c) as transformações político e econômica tanto da sociedade brasileira quanto do próprio futebol de espetáculo jogado por homens.

Neste trabalho, utilizamos o conceito de currículo de masculinidade dos torcedores de futebol (BANDEIRA, 2019) para problematizarmos como homens brancos cisgênero heterossexuais são colocados como a norma quando pensamos na produção pedagógica dos torcedores de futebol. Para tanto, dialogamos com esses sujeitos normativos para escutar de que modo eles representam suas alteridades neste contexto cultural específico, naturalizando a norma nesse espaço em um grupo específico de indivíduos. Essa investigação dialoga com vasto conjunto de trabalhos na área das Ciências Humanas e Sociais que problematizam diferentes aspectos do futebol como prática de lazer e esportiva². Ao mesmo tempo, inova ao analisar estes fenômenos a partir de categorias do campo da Educação, no viés dos Estudos Culturais, dos estudos de gênero e da sexualidade em uma perspectiva feminista e pós-estruturalista.

² Dentre as diferentes e diversificadas produções acadêmicas sobre a temática destacamos: CAMPOS; ALFONSI (Org.), 2014, CORNELSEN; AUGUSTIN; SILVA (Org.), 2015, CORNELSEN; CAMPOS; SILVA (Org.), 2017 e GIGLIO; PRONI (Org.), 2020.

Os Estudos Culturais em Educação têm se apresentado como um profícuo espaço de análise sobre a produtividade das pedagogias culturais na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e de viver na contemporaneidade (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 61).

Os estádios de futebol constituem um artefato cultural, são produzidos, são feitos e são portadores de pedagogias culturais, dentre as quais as de gênero e sexualidade, “a pedagogia desses lugares provoca nos sujeitos movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo” (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 6). Para serem introduzidos e plenamente aceitos em um estádio de futebol, os torcedores precisam passar por aprendizagens diversas. Como prática cultural, o futebol educa para comportamentos adequados e inadequados, valores, formas de ser no mundo. As pedagogias vinculadas ao futebol possuem um efeito duradouro que supera o tempo das partidas. Esses comportamentos são representados e experimentados de diversas formas em função do contexto em que estiverem sendo vividos: nos dias de jogos ou em dias comuns; em uma torcida ou sozinho; nos estádios ou fora deles.

Para este artigo queremos utilizar uma crítica bastante pontual ao trabalho de DaMatta, mas que aparece, em alguma medida, em todos os textos da coletânea *UF*, como pontapé inicial de nossa discussão: “o entorno [...] dos campos de futebol era ocupado quase que exclusivamente por homens e, portanto, os dramas de status que eles experienciavam eram matizados por questões de gênero” (DAMO, 2017, p. 16-17). Essa invisibilidade do marcador de gênero neste espaço não é exclusiva de Roberto DaMatta, do *UF* ou do final da década de 1970 e início dos anos 1980, quando os textos foram escritos. O futebol, assim como as demais práticas esportivas, é atravessado por conteúdos generificados. Ele é uma instituição androcêntrica e “androcentrada”. O diálogo entre o futebol e as diferentes normativas de masculinidade que circundam esse fenômeno esportivo nos autorizam a enxergar uma das maneiras como o gênero opera constituindo as instituições sociais. Não se trata de pensar o estádio como uma arena exclusivamente masculina, mas apontar a existência de uma preponderância discursiva vinculada a enfrentamentos entre masculinidades que constroem o que temos chamado de currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol.

Em um esforço para não cometermos um anacronismo ou pensar no androcentrismo futebolístico como uma continuidade simplória, neste artigo problematizamos como os sujeitos torcedores dialogam com esse quadro normativo que naturaliza o ambiente dos estádios de futebol como masculino e heteronormativo, especialmente a partir de como esses mesmos sujeitos identificam suas alteridades. Após essa introdução, apontaremos algumas

passagens do *UF* que mostram como a naturalização dessa masculinidade aparecia no período em que o livro foi produzido. Na continuidade do texto, discutiremos os conceitos de currículo como quadro normativo e de gênero que nos autoriza a operá-los como uma construção social e uma estratégia performativa. Na sequência, apresentaremos como construímos nosso material empírico e as manifestações de torcedores homens a partir das interpelações realizadas em nossos diálogos. O texto finaliza com algumas ponderações sobre esse local normativo e a repetição das disputas por significados.

UNIVERSO DO FUTEBOL E A NATURALIZAÇÃO DO ANDROCENTRISMO

Logo na *Introdução* do livro, Roberto DaMatta (1982b, p. 14) destaca uma importante percepção sobre a relevância dos estudos tematizando futebol na sociedade brasileira de então: “Mais do que nossas ciências políticas, econômicas, filosóficas e sociais; mais do que a nossa arte e literatura; o futebol é que tem proporcionado a área privilegiada por onde passam os temas do nosso destino futuro enquanto jornada popular e esperançosa”.

No capítulo *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*, DaMatta reforça a importância do futebol na sociedade brasileira e reitera esse domínio como eminentemente masculino:

No Brasil, discutir é falar de um modo sério. É ter que tomar um partido e não poder assumir uma atitude neutra quando se trata de um certo assunto. Assim, existem coisas, eventos e fenômenos que só podem ser discutidos. Entre eles, cito como dos mais característicos, política e futebol que, muito significativamente, não são considerados assuntos que possam ser apreciados por mulheres. [...] no Brasil fala-se de dinheiro e de mulheres, mas se discute política e futebol (DAMATTA, 1982a, p. 27).

O autor sustenta “a tese do futebol como um drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas socialmente significativos da sociedade brasileira” (DAMATTA, 1982a, p. 40). A justificativa para a popularidade deste esporte no Brasil se daria por sua capacidade de “expressar uma série de problemas nacionais, alterando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DAMATTA, 1982, p. 40). Se desse fenômeno, as mulheres estavam afastadas poderíamos apostar que, quando muito, tratava-se de problemas socialmente significativos para metade da sociedade brasileira expressando uma série de problemas “meio” nacionais.

Em *Na Zona do Agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol*, Luiz Felipe Baêta Neves Flores aponta para um marcador institucional relevante para pensarmos o futebol como normativamente masculino:

O futebol é visto genericamente como esporte essencialmente masculino. E isto não apenas nas representações dos torcedores mas ainda na legislação que regula o esporte: o futebol feminino é proibido no país³. <<Futebol é coisa para homem>>. Se a frase se enfraquece hoje em relação aos <<legítimos>> ocupantes das arquibancadas, onde o público feminino cresceu rapidamente, ainda é válida para os atletas (FLORES, 1982, p. 55).

Simoni Lahud Guedes (1982, p. 62) em *Subúrbio: celeiro de craques* foi entendida pelos sujeitos da pesquisa como “a moça que quer saber sobre futebol”. Ela localizou uma relação direta entre praticar e entender o esporte o que reificou seu vínculo com a masculinidade:

<<Gostar de futebol>> pressupõe <<entender de futebol>>, o que só é conseguido através da prática do jogo. Isso delimita claramente essa área como masculina porque, além de outras razões, as mulheres não podem realmente <<gostar de futebol>>, já que a prática do futebol feminino é, pelo menos, incomum (GUEDES, 1982, p. 62).

Seja pela aprendizagem estética através da prática ou por uma interdição legal, o futebol tão destacado para a compreensão da sociedade brasileira acabava deixando mais da metade de sua população de fora ou ocupando lugar de menor destaque para certa narrativa sobre o País.

[...] se partirmos da premissa de que o Brasil é o país do futebol, cabe fazer uma ressalva: o Brasil é o país do futebol masculino. E é o país do futebol masculino porque o futebol aqui é – ou para muitos deveria ser – jogado, narrado, comentado, arbitrado e dirigido por e para homens (STAHLBERG, 2016, p. 135).

Fecha a coletânea *O momento feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional* de Arno Vogel. Mesmo com as advertências sobre a participação menor das mulheres nesta temática elas acabam avolumando certa noção de “povo”. “O povo brasileiro, dizem, é formado por mais de cem milhões⁴ de técnicos de futebol, pois quase todos se consideram autorizados quando se trata de escalar um time, criticar um sistema ou apreciar o desempenho de uma equipe” (VOGEL, 1982, p. 78). Ao analisar a derrota brasileira para a seleção uruguaia, na Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, o autor destaca as características elogiadas dos vencedores no *Anuário Esportivo Brasileiro*: “Venceram os uruguaiais [...] jogam um jogo viril, um jogo de homens, porque futebol é um jogo másculo, onde as amabilidades

³ O Decreto-Lei nº 3.199/1941 proibia as mulheres de praticarem atividades físicas que não fossem condizentes com a sua natureza, dentre eles, o futebol. O decreto foi revogado em 1979. Apesar da data da publicação do *UF* ser de 1982 é possível que quando da escrita do capítulo ele ainda estivesse em vigor.

⁴ Segundo o *Anuário Estatístico do Brasil – 1982*, a população recenseada e estimada somava, em 1980, 121.150.573 pessoas, das quais 59.924.766 eram mulheres. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1982.pdf. Acesso em 31/01/2022, às 18h48.

cedem, na cancha, terreno para o jogo duro” (VOGEL, 1982, p. 95). Ao explicitar a perda da honra provocada pela derrota, o autor afirma:

O jogo de futebol é um <<jogo para homens>>, como gostam de lembrar os comentaristas, diante de algum lance mais ríspido, no decorrer de uma partida muito disputada. Os valores dramatizados são, em princípio, os valores do mundo masculino. Futebol é coisa de homem, da mesma forma que automóveis, mulheres e jogo. A macheza é atributo essencial da personalidade masculina entre nós. O medo de enfrentar um desafio equivale, por causa disso, à quebra da honra. (VOGEL, 1982, p. 98).

É produtivo pensar como os problemas do gênero masculino e suas dramatizações através do futebol, naquele momento, conseguiam ocupar a totalidade das representações e assumir a narrativa em nome de certo “povo brasileiro”. Aparentemente o “todos” que Vogel afirmava se entenderem autorizados a falar de futebol poderia potencializar a discussão do quanto o masculino universal não aparece como simples resposta a norma culta do idioma, mas, sim, à universalização do masculino através de um recurso linguístico.

CURRÍCULO DE MASCULINIDADE NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL E SUA REITERAÇÃO NORMATIVA

Os torcedores de futebol, e suas masculinidades, são constituídos através de diferentes dispositivos educativos, o que confere ao processo de sua produção um caráter contingente e agonístico. Aqui vale destacar o entendimento de educação neste trabalho. Ela, a educação, pode ser definida: “como conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados ou se transformaram em sujeitos de uma cultura. Nessa direção, tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de processos de ensino e aprendizagem” (MEYER, 2012, p. 50).

Na visão dos Estudos Culturais assumimos que todos os artefatos e práticas culturais são portadores de pedagogias. Aqui entendemos que a própria publicação de o *UF* é portadora de pedagogias. O livro ensina sobre futebol, Brasil e, também, sobre gênero. Não há artefato ou prática cultural que se crie sem que dele derive alguma pedagogia cultural relativa a seus usos, indicações de gênero, *status* social, valor simbólico, contexto de emergência criando um currículo que atravessa a construção de subjetividades. Ao pensarmos no conceito de currículo das práticas torcedoras e masculinas nos estádios de futebol, não é interessante pensá-lo como um percurso fechado com largada e chegada. A produtividade do conceito do currículo de masculinidade e do torcer nos estádios de futebol aumenta se o entendermos como um conjunto normativo com sugestões e indicações.

Esse conjunto normativo utiliza diferentes processos educativos, quase sempre não formais, para os sujeitos que pretendem percorrer caminhos que possam levá-los a serem entendidos como torcedores, como homens ou

masculinos em um contexto cultural específico. A aposta pela investigação de masculinidades em contextos culturais específicos se dá pelo entendimento de que cada contexto cultural produz seus próprios currículos de masculinidade, que são constantemente disputados.

O currículo não trabalha somente na seleção de conteúdo de um determinado conhecimento, ele subjetiva, ele produz os sujeitos que são interpelados por ele: “o currículo corporifica os nexos entre saber, poder e identidade” (SILVA, 2003b, p. 10). Ao tomarmos o conceito de currículo desde uma perspectiva pedagógica precisamos vislumbrar a seleção de conteúdos que compõem determinado currículo cultural: “o currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo” (SILVA, 2003a, p. 15). Que conteúdos estão em pauta quando se pensa/prodiz as diferentes masculinidades em um mesmo contexto cultural? Como esses conteúdos se hierarquizam e hierarquizam as masculinidades entre si e em relação a feminilidades ou outras expressões de gênero? Quando questionamos os conteúdos, os entendemos como conhecimentos, modos de ser no mundo, práticas, valores, códigos morais, decisões éticas e estéticas.

Uma outra potencialidade do conceito é certa imprevisibilidade entre os “alvos” de um currículo e seus “resultados”. Como cada indivíduo que percorre a trajetória de um determinado currículo possui diferentes atravessamentos identitários e passa por distintos processos de subjetivação, que podem ampliar ou limitar as experiências, facilitar ou dificultar aprendizados, as possibilidades de “resposta” a um currículo são múltiplas. Apesar da existência de regras, sempre existem aqueles e aquelas que transgridem essas regras. Existe uma imprevisibilidade inerente ao cumprimento de determinado percurso (LOURO, 2004).

Apesar da imprevisibilidade de como os sujeitos se apropriarão de determinados conteúdos, não podemos ignorar que todo currículo tem como objetivo um resultado, um produto, um sujeito com determinadas características, que tenha sido produzido por um conjunto de aprendizagens, em uma sequência mais ou menos esperada, de forma ordenada e, em alguma medida, com resultados mais ou menos previsíveis. Independentemente da perspectiva política ou pedagógica, um currículo tem sempre um sujeito pensado para o final de sua trajetória. Esse sujeito deverá ter sido subjetivado por esse currículo. O currículo “está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais” (SILVA, 2003b, p. 27). Quem são os sujeitos que o currículo de masculinidade e do torcer interpela? O que esses sujeitos interpelados deverão aprender ao percorrerem esse currículo? Como eles poderão representar a si e aos outros após “completarem” esse currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol?

Finalmente, se pensarmos na polifonia do conceito de currículo, ainda aparece outro sentido produtivo para visualizarmos as práticas dos torcedores de futebol nas praças esportivas. Tomando a perspectiva de um *curriculum vitae*, escutar os torcedores permitiu observar de que maneira eles se aproximaram ou se afastaram desses conteúdos aos quais foram interpelados reiteradas vezes e em diferentes situações. Esses questionamentos puderam ser feitos a partir do entendimento de que:

O sujeito acaba sendo o que é não apenas porque ele é descrito assim ou assado por seu currículo, mas também porque ele vai se pautando pelo seu próprio currículo, de modo a ir se vendo, se narrando, se julgando e, com isso, montando sua trajetória segundo aquilo que ele quer ser ou aquilo que ele pensa que deve ser (VEIGA-NETO, 2009, p. 19).

Naquilo que nos permitimos entender como “nossa cultura”, a inteligibilidade do sujeito não parece “completa” sem considerarmos seu gênero. O gênero se faz em atos: “será apenas a reiteração continuada desses atos que cria sua aparência (ou sua ilusão) de naturalidade” (LOURO, 2017, p. 20). As identidades generificadas não são essências, mas performativas: “o gênero é sempre um feito, [...] não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída” (BUTLER, 2003, p. 48). Não “temos” gênero, nós “fazemos” gênero. Nesse sentido, gênero é muito mais um verbo do que um substantivo. A masculinidade do torcedor de futebol de estádio é feita a partir da reiteração de suas práticas. Ela não pode ser tomada como uma essência. Mesmo no contexto datado do *UF* a maior familiaridade, conhecimento ou “gosto” pelo futebol para os homens era o produto de diferentes fazeres que construíam essas particularidades e não características masculinas inatas. Pedagogias culturais operam com distribuição de relações de poder e modos de governamento de condutas. A suposta conexão “natural” entre homens e futebol é não apenas construída, como constantemente reiterada nos estádios de futebol, nas publicações, na mídia, e com isso se mantém ativa.

É com o conceito de gênero que nos permitimos problematizar as masculinidades dos torcedores de futebol como construções culturais. O conceito pode ser entendido como um organizador social e da cultura. Ele “engloba todos os processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2012, p. 51). Aprendemos gênero através de diferentes estratégias pedagógicas. Aprendemos gênero no texto de DaMatta (1982a) quando lemos que assuntos sérios são discutidos por homens e que as mulheres podem ser entendidas como mais um tema de falação assim como o dinheiro.

O currículo de masculinidade dos estádios de futebol aparece como um quadro normativo. Hierarquizando condutas e limitando experiências. Para que as posições hierarquizadas apareçam é necessário um investimento repetitivo e continuado. O processo continuado de reiteração dessa masculinidade torcedora

nos estádios é naturalizado e invisibilizado. “As normas regulatórias de gênero e de sexualidade são, como todas as normas, anônimas e onipresentes. É praticamente impossível identificar quem as enuncia: elas simplesmente acontecem, se espalham por toda a parte” (LOURO, 2017, p. 77). Uma importante estratégia nessa construção normativa é a naturalização dos processos que abarca, negando sua construção sócio-histórica. No *UF*, a afirmação naturalizada de que o futebol é do domínio dos homens, constitui uma das formas de reiteração deste conteúdo. Essa naturalização apresenta um determinado conteúdo como se fosse resultado de um consenso e não de uma disputa.

MODOS DE PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

Para tentarmos ouvir como os sujeitos masculinos e torcedores se entendiam interpelados por esse currículo de masculinidade e do torcer, ou como nos apresentavam seu *currículo vitae* como torcedores e masculinos, realizamos diálogos⁵ com grupos entre dois e cinco torcedores nos quais questionávamos seus entendimentos sobre alterações nas possibilidades do torcer, especificamente aos torcedores do Grêmio que deixavam o antigo estádio, o Olímpico, e chegavam a nova Arena do Grêmio. O diálogo não era constituído por perguntas prévias, mas continha dois temas que pautavam as interlocuções: a mudança de estádio e a possível presença de manifestações racistas e homofóbicas nas expressões verbais dos torcedores durante a realização das partidas. Procuramos tentar enxergar nesse diálogo como os torcedores homens, protagonistas das narrativas sobre futebol como apareceu em diferentes trechos do *UF* poderiam pensar a desnaturalização de algumas de suas práticas.

Dialogávamos com os torcedores, na maioria das ocasiões, antes do início dos jogos. Ao interpelar os torcedores, dizíamos que éramos pesquisadores e anunciávamos os temas que pretendíamos abordar. Solicitávamos que os diálogos pudessem ser registrados em um gravador. O uso desse equipamento fez com que tenhamos sido confundidos com jornalistas pelos sujeitos que dialogavam conosco e por aqueles que observavam a conversa ao caminharem ao redor do estádio. A presença do gravador, ao mesmo tempo em que poderia inibir alguma manifestação, atuava como certo fetiche. Enquanto dialogávamos com os sujeitos, era visível que outros torcedores olhavam com certa curiosidade para saber o que se passava naquela interação.

A escolha por esses rápidos diálogos com falas curtas, algumas impressões e respostas um tanto imediatas foi pensado para provocar que os indivíduos se pensassem dentro de um sentimento de pertencimento ao coletivo de torcedores.

⁵ Esta investigação não foi submetida a Comitê de Ética. Conforme a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, os dados produzidos para nosso trabalho pertencem ao conjunto de “pesquisa de opinião pública com participantes não identificados”, que, segundo a Resolução, está dispensado de avaliação pelo sistema CEP/CONEP. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 05/02/2022, às 18h56.

Mais do que pensar nos indivíduos como pré-existentes as interações dos estádios, esses encontros nos permitiram acessar a forma como esses sujeitos torcedores e masculinos se entendiam interpelados pelos currículos de masculinidades e do torcer nos estádios de futebol. Mesmo que as falas fossem individuais, elas não podiam ser descontextualizadas dessa pertença: "A interpelação é que define o relato que se faz de si mesmo, e este só se completa quando é efetivamente extraído e expropriado do domínio daquilo que é meu. É somente na despossessão que posso fazer e faço qualquer relato de mim mesma" (BUTLER, 2015, p. 51-52). A estratégia de realizar essas curtas conversas procurava observar quais as narrativas seriam produzidas pelos sujeitos torcedores. Queríamos tentar visualizar como os torcedores explicavam e davam inteligibilidade a suas práticas.

A ALTERIDADE QUE REIFICA A NORMA MASCULINA NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

No futebol especificamente, assim como nos esportes em geral, existe uma constante produção, reprodução e circulação de representações de masculinidades. Sendo a norma esportiva em nosso contexto, o futebol jogado por homens não recebe adjetivo de gênero, ele é simplesmente futebol. As mulheres praticam futebol feminino. Essa adjetivação mostra que o substantivo futebol precisa de complementação apenas quando não realizado por homens.

No processo de elitização/modernização dos estádios/arenas no Brasil um dos investimentos realizados foi o incentivo para que o público de mulheres aumentasse diminuindo o predomínio dos homens. Mesmo que no texto de Luiz Felipe Baêta Neves Flores, no *UF*, já fosse possível ler sobre o aumento da presença de mulheres nas arquibancadas, ainda parecia necessário ampliar essa participação. Visualmente, atravessados por mais de trinta anos frequentando estádios, é possível, sim, perceber um aumento do número de mulheres nas praças esportivas. Um maior número de mulheres não deve ser associado imediatamente aos significados de gênero do contexto dos estádios de futebol. O futebol no Brasil ainda "se presta como espaço para forjar os homens ou, para ser preciso, determinados modelos de masculinidade" (DAMO, 2016, p. 9).

A participação das mulheres não teve um aumento apenas quantitativo. Esse aumento também aparece de forma qualitativa, desde a valorização dessa presença até a constituição de figurinos específicos. Durante nossa estada em campo entre agosto de 2015 e julho de 2016 foi possível enxergar uma presença significativa de grupos exclusivos de torcedoras. O número mais expressivo de mulheres, entretanto, ainda precisava enfrentar um ambiente mais do que masculino, machista em que não raro foram as vezes em que esses grupos de torcedoras eram alvo de olhares e, mesmo, assédios. As cenas machistas foram visíveis sempre que grupos exclusivamente formados por torcedoras encontravam

grupos exclusivos de torcedores⁶. As características físicas das torcedoras eram sempre exaltadas pelos grupos masculinos. Elas acabavam usando como estratégia ignorar as falas masculinas e seguir caminhando.

Nos diálogos, os torcedores acabavam naturalizando o gosto pelo esporte para justificar a maior presença masculina nos estádios:

"[...] homem gosta mais de futebol e por consequência é um lugar mais machista" (Tiago)⁷.

"[...] é um esporte mais ao agrado dos homens do que das mulheres, claro percentuais" (Matías).

Outros torcedores pareciam um tanto mais sensibilizados com pautas, em alguma medida, feministas e condenavam suas próprias atitudes de olharem para meninas de minissaia:

"[...] a culpa de eu olhar pra ela não é dela, a malícia que ocorrer sou eu que estou fazendo. Ela tem que andar de minissaia, é a liberdade dela" (Fábio).

Se em 1982, as mulheres se somavam ao futebol e aos automóveis como objetos a serem discutidos por homens, a presença das mulheres contemporaneamente também pode ser associada a presença de beleza no estádio, marcando que esse corpo ainda poderia trabalhar, de algum modo, como mais um produto a satisfazer olhares masculinos:

"[...] têm uns amigos meus que dizem que não precisa mais nem ir em festa para procurar mulher, é só vir no jogo do Grêmio, é só vir no jogo do Grêmio que é isso aí, olha só o que tem de mulher no jogo do Grêmio e mulher linda e maravilhosa" (Wender).

Por vezes, também, à participação das mulheres é atribuída uma diferença que poderia ser lida como natural. Um torcedor chegou a sugerir esforçar-se para falar menos palavrões em função do aumento da presença feminina:

"[...] eu me policio, mas têm horas que o cara solta um palavrão, mas a gente nota que a mulher que está ali por perto não está nem aí" (Fábio).

⁶ Notas do Diário de Campo de 30 de agosto de 2015.

⁷ As falas dos torcedores serão todas colocadas em itálico. Os nomes foram alterados para a manutenção do anonimato.

O palavrão nesse contexto não seria uma prática de torcedores quaisquer, mas dos torcedores masculinos o que reforça que ao se fazerem torcedores, os sujeitos também se fazem masculinos.

A maior presença das mulheres acaba sendo associada de forma direta a diminuição do machismo no futebol pelos torcedores que dialogaram conosco. Alguns deles acreditavam que era necessário um maior controle das atitudes a partir dessa presença. A segurança do atual estádio do Grêmio foi apontada como algo que facilitaria essa presença:

"[...] hoje é bem menos [machista], tanto que vem muita mulher no jogo. Agora do nosso lado tem cinco mulheres e não era assim. No tempo que a gente ia no jogo era gritaria, palavrão o jogo inteiro, mijó e joga copo e fica quieto. Era outro ambiente" (Jackson).

Também escutamos torcedores favoráveis a diminuição da lógica do futebol como espaço de reserva masculina elogiando uma maior participação das mulheres. Entretanto, alguns elogios as mulheres que, segundo esses torcedores, entendiam sobre o esporte se dava na comparação de que esse entendimento poderia ser, inclusive, maior que o dos homens:

"[...] já foi mais a coisa de futebol ser coisa de macho, de homem. [...] Tem muita mulher aí que entende de futebol mais do que homem. Aquela guria da Band, a Renata Fan, ela dá um banho em muita gente" (Alan).

Na fala dos torcedores, homens não heterossexuais também são incluídos como a alteridade do "homem" torcedor de futebol do estádio, mesmo quando este não chegue a ser, de antemão, pensado como excluído desse espaço:

"[...] aqui gay ou homem, o ser humano é tudo igual, tem que vir mesmo" (Maximiliano).

Outra alteridade à masculinidade dos estádios de futebol pode ser observada em falas que exaltam a família. O termo família foi utilizado na hora em que existia a negativa da existência de machismo nos estádios de futebol:

"isso [machismo] é coisa do passado, agora pode vir a família toda, quem quiser" (Cristian).

"[...] eu acho que não é mais [machista], é um estádio mais família. [...] o estádio está virando um lugar mais família de novo, antes era um lugar hostil realmente, a galera vinha

bêbada, chapada e brigava era um ambiente hostil mesmo” (Rhodolfo).

É interessante como o termo família é, por vezes, utilizado na tentativa de produzir um ambiente menos masculino. O conceito de família pode ser utilizado para a “privatização da paixão”, “a liberação das emoções mais calma, mais pessoal ou familiar nas arquibancadas substitui a antiga paixão quase religiosa do carnaval da torcida nas arquibancadas” (GIULIANOTTI, 2010, p. 110). A família impõe um sobrenome e um lugar um tanto fixo na relação entre seus membros que a multidão ou o espaço público não sustentariam. Essa fixidez imposta pela família ajudaria a controlar a irrupção de comportamentos masculinos considerados destoantes para o bom andamento do espetáculo esportivo.

Ao longo dos diálogos ao apontarmos sobre questões relativas à existência de heterossexismo ou homofobia no futebol, questionamos os torcedores se eles acreditavam ser possível a existência de uma torcida homossexual contemporaneamente no estádio:

“[...] os caras estão ali independentemente se o cara é negro ou gay ou japonês, o cara gosta do Grêmio, torce pelo Grêmio se ele ajuda, se ele apoia o time acho que não tem problema nenhum” (Hernán).

“[...] todo mundo pode se agrupar junto e torcer como quiser. Eu acho que daí parece que vão estar forçando uma barra pra uma torcida gay. Não, o cara que é gay não tem problema nenhum, vai na Geral, vai na Torcida Jovem, vai torcer o que quiser, vibra igual, torce igual” (Mithyuê).

Aparentemente, os torcedores entendiam que, no caso da torcida do Grêmio, o único ingrediente que deveria ser levado em consideração seria o clubismo, nesse caso o “gremismo”. Incentivando a equipe e colaborando com o clube e performando de forma “adequada”, os torcedores homossexuais estariam autorizados a torcer “conosco”.

Esse “gremismo” era lido nessa chave de inteligibilidade como não possuindo marcadores de masculinidade. Em alguma medida, o currículo de masculinidade dos torcedores de estádio foi bastante competente ao participar da construção de sujeitos generificados que não percebiam os diferentes processos pedagógicos pelos quais tiveram que percorrer para se constituírem enquanto torcedores e masculinos (BANDEIRA, SEFFNER, 2019, p. 325).

Podemos entender que parte significativa da competência das pedagogias de gênero e de seu currículo de masculinidade reside justamente neste apagamento do seu processo de construção. Através desse apagamento se produz a sensação

de que o contínuo investimento que forjou o torcedor masculino de futebol, através de muitos processos de ensino e aprendizagem, nada mais era que do desvelamento de algo que fosse algo natural e que sempre esteve presente.

O ANDROCENTRISMO DO FUTEBOL COLOCADO EM QUESTÃO

A luta das mulheres ao longo do século XX diluiu muitos preconceitos, mas não todos. No espectro esportivo, e em alguns esportes em particular, eles seguem tão vivos que por vezes tem-se a impressão de que são parte da natureza. Esse é o caso do futebol no Brasil. (DAMO, 2016, p. 9).

Podemos visualizar a existência de um quadro normativo que destaca a relação entre futebol e masculinidade no Brasil. Ele já aparecia com destaque quando do lançamento do *UF* e parece ainda atual em algumas compreensões de torcedores contemporaneamente. Todos os que não são homens, preferencialmente jovens adultos⁸, são “outros”. O currículo de masculinidade dos torcedores de estádio produz uma representação do torcedor que avalia e hierarquiza a conduta de todos os sujeitos no estádio, sejam eles homens, mulheres, crianças, idosos.

Uma das alterações de público percebida pelos torcedores poderia estar mais bem associada ao entendimento de “familiarização”. Mais do que uma massa de torcedores, os sujeitos entendiam que as famílias estavam ocupando o estádio. A família esteve muito associada às mulheres e às crianças. Essa família, nas falas dos torcedores, foi posta como oposição ao antigo frequentador, o torcedor que sem ser nomeado pode ser entendido como um homem jovem ou jovem adulto que estaria associado a uma estética vinculada ao popular, mais bem lida como uma estética com menores preocupações vinculadas à polidez.

Essa marcação relativa aos “outros” do estádio, sejam mulheres, homossexuais ou, mesmo, as famílias, acaba reforçando o caráter normativo dos homens e de suas masculinidades neste contexto. O privilégio masculino nas praças esportivas acaba fazendo com que suas ações sejam realizadas sem questionamento. Há um conhecimento legitimado aos homens fazendo com que eles tenham a autoridade de representar a si mesmo e aos demais atores que frequentam esse espaço. Dentro dessas representações, são os homens que acabam definindo sujeitos e práticas desejáveis e/ou adequadas nesse contexto.

Olhando a participação de torcidas e torcedores ao longo dos anos nos estádios de futebol é possível visualizar um movimento que procura deslocar o lugar estabelecido dessa normatividade masculina. Coletivos de mulheres, grupos

⁸ Não foi objeto de discussão ao longo deste artigo, mas o elemento etário também era apontado como “diferença” nas palavras dos torcedores. Os torcedores se diferenciavam das mulheres, dos homossexuais, das famílias, das crianças e, também, dos homens mais velhos.

LGBTQIA+, torcidas antifascistas entre outros atores têm buscado não apenas desnaturalizar a lógica torcedora vigente como, também, tem proposto a criação de novas narrativas em um importante jogo de disputa por significados.

Como não há nenhuma garantia de estabilidade nessas definições, as disputas parecem estar colocadas. Os “outros” já estão apresentando suas pautas. Os torcedores de futebol aprendem desde cedo que após um jogo sempre vem outro jogo. Se até aqui o jogo de gênero nos estádios de futebol deu ampla superioridade à masculinidade heterossexual, outros jogos precisarão ser jogados reforçando o caráter agonístico na produção das identidades e suas contingências, muito breves e pontuais para pensarmos em consensos ou permanências.

Se o androcentrismo parecia um dado natural no *UF* (mesmo a participação da excelente Simoni Guedes na coletânea não colocava discussões de gênero na pauta, o que também não se fazia nos demais artigos) aqui ele é um elemento no centro das lutas por significados em um contexto social mais amplo e, também, em tudo o que envolva a prática e a apreciação do futebol jogado por quem for. A partir dessa disputa talvez o entendimento da importância do futebol como drama nacional seja mais efetivamente nacional e menos masculina.

FINANCIAMENTOS

Esse artigo é um dos produtos do projeto de pesquisa “Estratégias pedagógicas de construção, manutenção e modificação das masculinidades: ensinando a ser torcedor e a ser homem nas arenas de futebol pós Copa do Mundo”, do qual os autores são pesquisadores. O projeto foi contemplado com financiamento pela Chamada Universal MCTI CNPq Nº 01/2016, Processo CNPq 400749/2016-5.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Gustavo Andrada Bandeira – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

Fernando Seffner - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. *Educação em revista*, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-23, 2017.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, mai./ago. 2015.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 310-326, jul./dez. 2019.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo, Leya, 2014.

CORNELSEN, Elcio; AUGUSTIN, Günther; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; CAMPOS, Priscila A. F.; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer 2*: produção acadêmica sobre futebol, análises e perspectivas. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017.

- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982a. p. 19-40.
- DAMATTA, Roberto. Introdução. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982b. p. 13-8.
- DAMO, Arlei Sander. Romantismo e futebol nas ciências humanas brasileiras. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; CAMPOS, Priscila A. F.; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer 2: produção acadêmica sobre futebol, análises e perspectivas*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017. p. 9-29.
- FLORES, Luiz Felipe Baeta Neves. Na zona do agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982. p. 43-58.
- GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982. p. 59-74.
- LOURO, Guacira Lopes. *Flor de açafreão: takes, cuts, close-ups*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-61.
- STAHLBERG, Lara Tejada. Mulheres de preto: reflexões sobre as profissionais de arbitragem no futebol brasileiro. In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p. 135-53.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.
- VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte e sociedade em escritos de Roberto DaMatta. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 203-19.
- VOGEL, Arno. O momento feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982, p. 75-115.

Recebido em: 07 fev. 2022

Aprovado em: 03 jun. 2022

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

